

AS DIFICULDADES DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Márcia Gama da Silva¹
Fernanda Pinto de Aragão Quintino²
Joab Grana Reis³

RESUMO

Este artigo é resultado da pesquisa sobre as dificuldades de leitura e interpretação de texto no ambiente universitário por alunos egressos da educação básica e o desempenho dos mesmos na vida acadêmica. O estudo objetiva apresentar algumas reflexões referentes a essa problemática que influencia no Ensino Superior. Nesse sentido, investigamos junto aos professores e alunos universitários e do Ensino Médio, a questão da leitura relacionada à interpretação de texto, como vem sendo trabalhada ou se não prioriza essa questão em sala de aula. A metodologia envolveu pesquisas bibliográficas, de campo e documental. A abordagem foi quanti-qualitativa, houve entrevistas com alunos e professores do Ensino Médio e do Ensino Superior. Os alunos que participaram eram das áreas de Ciências Exatas, especificamente Licenciatura Plena em Matemática, Ciências da Saúde (Medicina), Ciências Humanas (Licenciatura Plena em Pedagogia). Concluímos que há uma grande crise de leitura por parte dos alunos que vêm da Educação Básica e isso influencia no Ensino Superior, tendo como consequência a dificuldade na interpretação de textos. A prática pedagógica do professor é essencial para despertar nos alunos uma consciência crítica que os ajude a compreender as condições políticas, culturais, socioeconômicas e humanas do meio onde vive.

Palavras-chave: Ambiente universitário, Dificuldades, Interpretação de texto, Leitura.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetivou analisar as dificuldades de leitura e interpretação de texto no ambiente universitário. O estudo analisou as relações entre as dificuldades de leitura e interpretação de texto apresentadas pelos alunos egressos da Educação Básica e o desempenho dos mesmos na vida acadêmica, também procuramos apresentar algumas reflexões referente à problemática em questão que influencia no Ensino Superior e perpassa pela Educação Básica. Essas dificuldades são desafios para os docentes tanto

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, marcia.gama.silva@seduc.net;

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, fernanda@seduc.net;

³ Doutora em Educação, docente da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, ggreis@uea.edu.br;

do Ensino Médio quanto do Ensino Superior. Nesse sentido, a pesquisa refletiu como relevante oportunidade de aproveitamento do estudo sobre o tema apresentado, a fim de contribuir para a formação da prática pedagógica do futuro professor universitário.

O tema foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, de campo e documental, tendo em vista que a abordagem foi desenvolvida de forma quantitativa e qualitativa. Foram feitas entrevistas com alunos e professores de instituições públicas e privadas, sendo 10 (dez) estudantes do 3º ano do Ensino Médio, 22 (vinte e dois) do Ensino Superior das áreas de Ciências Exatas (Licenciatura Plena em Matemática); Ciências da Saúde (Medicina) e Ciências Humanas (Licenciatura Plena em Pedagogia). Também foram entrevistados 8 (oito) professores universitários.

Assim sendo, esperamos que este trabalho possa contribuir para mais uma discussão a respeito do tema em questão, uma vez que as dificuldades de leitura e interpretação de texto ainda são grandes desafios a serem enfrentados neste novo século.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

O grande desafio hoje para a prática pedagógica tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, diz respeito à leitura e à interpretação de texto. Nesse contexto, temos a seguinte afirmação:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é analisada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorece-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensina-la (SOLÉ, 1998, p. 32).

Percebemos que o problema da leitura e interpretação de texto estão na forma de como são ensinadas, como são avaliadas. Não basta apenas situar essa deficiência no método e sim na própria conceitualização do que vem a ser a leitura; por isso, é preciso que professores adotem novas propostas metodológicas para que seja ensinada a leitura de forma prazerosa, a fim de despertar o interesse nos estudantes.

Outra discussão é que a leitura, seja ela qual for, amplia-se para o leitor, instaurando novas significações e redimensionamentos a respeito da realidade, reinterpretando o cotidiano, pois sempre será um desafio para os professores. Nesse viés, temos a seguinte afirmação:

Muito se tem falado sobre a necessidade de recompor o hábito de leitura em todos os níveis da educação escolar. Essa intenção vem sendo praticada timidamente pelo nível superior no sentido de alternativa pedagógica aos futuros professores. O fato é que não conseguem contaminar o cotidiano da prática escolar revelada na graduação, que satura alunos e professores porque na maioria das vezes repetem feitura, resumem anotações, acrescentam muito pouco à ampliação do capital cognitivo (SILVA, 2005, p. 28).

As dificuldades de leitura e interpretação de texto, com se pode verificar, estão presentes em todos os níveis da educação escolar, onde reflete no ambiente universitário, pois a prática da leitura ainda é muito pouco desenvolvida. É preciso ampliar essa prática pedagógica, a fim de que contamine o cotidiano do aluno e este não se sature com metodologias cansativas.

Nesse sentido, é importante saber o porquê da leitura e interpretação de texto em sala de aula, por que se deve desenvolver o gosto pelo hábito de ler e interpretar textos, enfim, procurar refletir como a leitura e a interpretação de texto vêm sendo praticadas em sala de aula tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Superior. Vejamos como é discutida essa questão:

A leitura possui, então, múltiplos valores em nossa cultura. A posse do uso da escrita, no entanto, ainda são privilégios das classes economicamente privilegiadas, o que acaba por determinar a utilização de sua norma linguística, por ser a mais prestigiada socialmente. Podemos indagar: como a leitura vem sendo praticada nas escolas? O que se lê? Como se lê? (LOPES e MENDONÇA, 1994, p. 79).

Neste contexto, ainda falta uma metodologia adequada para se trabalhar a questão das dificuldades de leitura e interpretação de texto, uma vez que não se sabe o que se lê, para que se lê e como se lê. Acreditamos que tais deficiências, aos poucos, podem ser superadas, à medida que forem sendo ensinadas de maneira correta; mas para isso, é preciso que os professores estejam preparados para esse desafio com uso de metodologias inovadoras.

Outra situação que se pode discutir é o fato de que não só no Ensino Médio mas também no Ensino Superior a falta de leitura e interpretação predominam nesses

ambientes, uma vez que não há uma política séria voltada para a educação, comprometida com o desenvolvimento intelectual e social do estudante, para que este seja um agente transformador da sociedade em que vive, cidadão crítico e consciente.

É muito cômodo para a Escola e o governo lançarem para os estudantes e professores a culpa, a responsabilidade referente às dificuldades de leitura e interpretação de texto, ao invés de fazerem uma reflexão sobre seus conteúdos, métodos, ideologias e práticas perante à sociedade.

Podemos classificar esses discursos como demagogo neoliberal que se define pelo desenvolvimento de conhecimento, habilidades, atitudes, concepções de valores articulados às necessidades e interesses das diferentes classes e grupos sociais, foi reduzido pelo economicismo, a mero fator de produção – “capital humano”, nesse sentido FRIGOTO (1996, p. 18) diz que:

Essa concepção de educação como fator econômico vai constituir-se numa espécie de fetiche, um poder em si que, uma vez adquirido, independentemente das relações de força e de classe, é capaz de operar o “milagre” da equalização social, econômica e política, entre indivíduos, grupos e classes.

Cabe a escola, nesse caso, romper com as teorias lineares que dão sustentação ao modelo neoliberal, caracterizado pela transmissão de informações, pré-requisitos, etapas rígidas e formais de ensino e aprendizagem.

Outra reflexão que devemos fazer a respeito das dificuldades de leitura e interpretação de texto é que essa problemática está presente não só no Ensino Médio como também no ambiente universitário, tendo em vista que o assunto é muito mais grave, como podemos verificar:

Poderíamos dizer que o problema é muito mais grave, que chega ao extremo de recebermos nos cursos superiores em que lecionamos, alunos literalmente semianalfabetos, incapazes às vezes de dizer (quanto menos de escrever) uma oração com mais de dez palavras que se conectem uma das outras. Poderíamos até criticar a política Educacional do governo por promover um desmonte do ensino público em nome de uma lógica de mercado perversa, que pode condenar no futuro um número maior de brasileiros a uma ignorância das primeiras letras e números, mas a ignorância dos incapazes de refletir sobre as vicissitudes da própria existência e, portanto, de modificá-la (RODRIGUES, 2004, p. 13-14).

Nesse aspecto, concordamos com essa afirmação, é crítica a situação da leitura no âmbito escolar, principalmente, no Ensino Superior, uma vez que é criticada pelo autor o fato de que nos cursos superiores tenha alunos que não sabem expressar o seu ponto de vista quanto mais de dizer algo; por isso, é preciso urgentemente, mudar esse quadro, buscar novas metodologias de conceituar a leitura e fazê-la acontecer no cotidiano das escolas e no ambiente universitário.

METODOLOGIA

Entrevistas realizadas com 22 (vinte e dois) alunos do Ensino Superior sobre as dificuldades de leitura e interpretação de texto, 18 (dezoito) responderam à questão e 4 (quatro) deixaram sem resposta.

Alunos que responderam à questão, 01 (um) disse ter dificuldade em virtude da quantidade e complexidade dos textos; 01 (um) respondeu que tem pouca dificuldade; 02 (dois) justificaram a falta de tempo; 02 (dois) dizem ter dificuldades em textos filosóficos; 01 (um) disse ter dificuldade em texto de Sociologia. 01 (um) disse ter muitas dificuldades; 01 (um) disse que era pela falta de preparação dos professores; 01 (um) disse ter dificuldades em textos técnicos; 01 (um) respondeu devido a falta de incentivo; apenas 01 (um) justificou que era por falta de livros disponíveis na escola.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante desse resultado, recorreremos a seguinte reflexão:

Mesmo que de maneira menos explícita, o discurso da crise da leitura parece se inscrever no interior de boa parte do universo de estudos que tematizam a leitura na universidade. No entanto, esta crise é quase sempre percebida como uma manifestação do fracasso da escola de 1º e 2º graus em formas um certo tipo de leitor necessário aos fins da universidade. Talvez, em parte, isso justifique as críticas que a academia tem feito ao trabalho que as escolas têm realizado em relação ao ensino da leitura e a formação do leitor (CORREA, 2001, p. 11).

Percebe-se que a falta de leitura relacionada à dificuldade de interpretação de texto, ainda é uma herança do Ensino da Educação Básica que reflete, também, no

ambiente universitário, uma vez que essas dificuldades não são trabalhadas de forma correta por parte dos professores.

Entrevistas realizadas com alunos do Ensino Médio sobre a mesma temática, dos 10 (dez) alunos entrevistados, 04 (quatro) responderam que tinham dificuldades de leitura e interpretação de textos; 01 (um) disse ter pouca dificuldade; 04 (quatro) alunos disseram que não tinham dificuldades, tendo em vista terem o hábito de ler, pois liam com frequência e que desde a sua educação básica, foram motivados a praticarem a leitura, com isso, desenvolveram o raciocínio rápido; 01 (um) respondeu que sentia dificuldades algumas vezes.

Diante desse quadro, segue outra reflexão:

A apropriação da leitura pela escola não possibilita a descoberta do real caminho, que conduziria o ensino para fora da escola e ao encontro dos problemas sociais. A preocupação didática com métodos para alfabetizar. Priorizando técnicas, ou discussão sobre condutas e modelos textuais para criar o hábito de ler são comportamentos comuns que afastam o leitor do livro e o prazer de ler da escola (LOPES e MENDONÇA, 1998, p. 79).

Pode-se comprovar que as dificuldades de leituras e interpretação de texto estão ligadas às bases do ensino-aprendizagem, pois como fora dito pelo aluno A, que não sentia dificuldades, porque tinha o hábito de ler, e isso fora transmitido desde a sua educação básica.

Verifica-se, também, que no Ensino Médio a prática da leitura é um ponto que deve ser discutido. Nessa perspectiva, temos a seguinte colocação:

Podemos considerar que a partir do Ensino Médio, a leitura é um dos pontos mais importantes na escola para a ... de novas aprendizagens. Isto não significa que não se considere mais necessário insistir em seu ensino; de fato, durante toda a etapa do Ensino Fundamental e às vezes também no Médio, continua-se reservado um tempo para a leitura, geralmente na matéria de “Linguagem”.

[...] à medida que se avança na escolaridade, aumenta a exigência de uma leitura independente por parte dos alunos, que costuma ser controlada pelos professores mediante questionários, fichas, etc.

[...] a partir do Ensino Médio, a leitura parece seguir dois caminhos dentro da escola: um deles pretende que crianças e jovens melhorem sua habilidade e, progressivamente, se familiarizem com a literatura e adquiram o hábito da leitura; no outro, os alunos devem utiliza-la para ter acesso a novos conteúdos de aprendizagem nas diversas áreas que formam o currículo escolar (SOLÉ, 1998, p. 36-37).

Diante disso, podemos constatar que a leitura no Ensino Médio deve ser praticada com frequência, a fim de que os alunos não sintam tanta dificuldade no Ensino Superior. Mas para isso, os professores devem buscar novas formas de compensar tais dificuldades, propiciando literatura diversas, fazendo com que haja interação com os livros.

Quanto à entrevista com professores do Ensino Superior, sobre a temática desse trabalho, dos 08 (oito) professores entrevistados, 02 (dois) responderam que os fatores que influenciam negativamente na aprendizagem de seus alunos com relação à leitura e à interpretação de texto, é a falta de embasamento; 03 (três) disseram que é a falta do hábito de ler; 01 (um) respondeu que é por falta de leitura; 01 (um) disse que era o baixo poder aquisitivo, que não permite os alunos a comprarem livros, revistas, jornais, etc.

Nesse aspecto, refletimos sobre a seguinte colocação:

Ensino e leitura. Formação do leitor. Métodos de alfabetização são alguns dos temas que mais frequentemente tem ocupado a pauta de discussões que se desenvolvem em torno da leitura escolar. É possível afirmar que muitas dessas reflexões se inserem no interior de um discurso corrente que, valendo-se dos diagnósticos que atestam o fracasso na função de formar um certo tipo de leitor capaz de realizar uma certa leitura, denunciam uma situação de crise da leitura, sobretudo no meio escolar (CORREA, 2001, p. 8).

Como se pode verificar, a crise da leitura ainda predomina no ambiente universitário que vem sofrendo consequências desde a educação básica. Ainda nesse contexto, vejamos outras reflexões:

Teríamos, portanto, diferenças entre leitores que dispõem de mais tempo para ler e aqueles para os quais o tempo de leitura é escasso ou inexistente. Entre aqueles que lêem silenciosamente e aqueles que, para compreender um texto precisam oralizar o que lêem. Entre os leitores que só se sentem bem lendo texto com determinadas disposições textuais, entre os grandes leitores e os leitores de ocasião; entre os leitores profissionais [...] (CORREA, 2001, p.22).

Percebe-se mais uma vez as grandes dificuldades encontradas para o exercício da leitura. É importante que não se leia somente textos com determinadas disposições e sim que leia todos os tipos de textos para que haja profissionais competentes.

Analisemos algumas respostas dos professores do Ensino Superior, referentes às dificuldades de leitura e interpretação de texto, por parte dos alunos:

Não foram habituados à leitura nem a família incentiva para a formação desse hábito. Tudo na decoreba, desde a escola de 1º grau (Professor A – Didática I e II – UEA).

Não são receptivos; acham que aula é só expositiva (Professor B – Odontologia – UNIP).

Os alunos que possuem dificuldades de leitura são aqueles que não tiveram esse hábito no Ensino Fundamental (Professor C – Letras/Direito).

Pela falta de hábito e baixa qualidade da formação recebida no Ensino Fundamental (Professor D – Licenciatura em Biologia – CEFET-AM).

Diante desse quadro, buscamos embasamento teórico em Vieira (apud, CORREIA, 2001, p. 09) que afirma,

A grande maioria dos alunos não lê e, provavelmente, quando lê, o fazem de forma inadequada [...]. A grande maioria dos alunos apresenta dificuldades não só na compreensão do texto como também na redação.

Faz-se necessário que se renove a prática pedagógica dos profissionais da área da educação, a fim de que sejam encontradas soluções adequadas para o problema da leitura.

Quanto aos professores do Ensino Médio, especificamente do 3º ano, perguntas feitas sobre as dificuldades de leitura e interpretação de texto, por parte dos alunos, dos 6 professores entrevistados, 3 disseram que era pela falta da prática da leitura; 2 responderam que era a lentidão do raciocínio; 1 disse que era preguiça mental.

Como podemos verificar, nos deparamos novamente com a falta de leitura, porém, percebemos pensamentos conservadores por parte de alguns professores que atribuem essas dificuldades somente ao aluno. Nesse sentido, recorreremos a seguinte reflexão:

A escola deve proporcionar aos alunos um ambiente rico, utilizando tipologia variada de textos que circulem em nossa esfera social, formando um novo público leitor capaz de entender, a sociedade em que vivemos e de transformá-la. [...] cabe ao professor buscar oferecer

as melhores situações para que os alunos progridam (LOPES e MENDONÇA, 19988, p. 80-81).

Verificamos que a prática da leitura deve ser utilizada na escola sempre, uma vez que esta deve proporcionar um ambiente agradável, capaz de motivar o aluno para o exercício da mesma. Nesse contexto, o professor exerce papel de suma importância, justamente por estar mais próximo do aluno, podendo utilizar diversos recursos pedagógicos que possibilitem o hábito da leitura e conseqüentemente, a interpretação de textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou as análises das relações entre as dificuldades de leitura e interpretação de textos apresentada pelos alunos egressos da Educação Básica e o desempenho dos mesmos no ambiente universitário.

Nesse contexto, pudemos verificar através das pesquisas bibliográficas e de campo, que há uma grande crise de leitura por parte dos alunos que vêm da Educação Básica e que influencia no Ensino Superior. Existem, ainda, muitas dificuldades de leitura e interpretação de textos, tendo em vista que não são praticadas constantemente em sala de aula.

Entretanto, é preciso ressaltar que a prática pedagógica do professor é essencial para despertar nos alunos uma consciência crítica que os ajude a compreender as condições políticas, culturais, socioeconômicas e humanas do meio onde vive.

Os autores contribuíram para a compreensão do tema e serviu para fazermos uma profunda reflexão sobre a Educação Básica, bem como as Instituições de Ensino Superior em relação à prática da leitura.

Salienta-se, também, que os sujeitos entrevistados contribuíram para o conhecimento da realidade investigada, pois através de suas respostas verificou-se a falta do hábito de leitura e conseqüentemente de interpretação de texto.

Nesse aspecto, o grande desafio é reconhecer essas dificuldades e “quebrar” as práticas pedagógicas tradicionais, incorporando uma nova metodologia de ensino à leitura.

Vale ressaltar, ainda, que o trabalho contribuiu para fazermos uma autoanálise sobre a prática pedagógica em relação ao ensino da leitura, principalmente, para nós que

iremos ingressar no Ensino Superior, como futuros docentes, tendo em vista que toda universidade ou faculdade exige de seus candidatos uma boa leitura. Este estudo terá continuidade, devido à relevância do tema e a riqueza dos dados coletados.

REFERÊNCIAS

CORREA, Carlos Humberto Alves. *Leitura na Universidade: entre as estratégias de produção e as práticas de recepção*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. Ed. Cortez. São Paulo, 1996.

LOPES, Ângela Thereza e MENDONÇA, Rosa Helena. *Salto para o Futuro. Reflexões sobre a Educação no Próximo Milênio*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília. Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2004.

SILVA, Márcia Regina do Vale. *A leitura: desafios para a prática pedagógica*. Revista ABC Educativo. São Paulo. Ano 6, n.43, p.28, março, 2005.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Arte Méd, 1998.